

Juazeiro do Norte, 17 Julho 1962.

Meu Caro Professor Martins Filho,

Estou aqui em Juazeiro faz quinze dias em visita aos meus familiares. Durante essa permanencia procurei fazer alguma coisa de util para o Museu da Universidade. Visitei os gravadores e santeiros ou melhor o que resta dos artesoes santeiros e gravadores.

Estabeleci uma ficha para cada um deles com o maior número possível de dados afim de possibilitar estudos posteriores. Procurei analisar a causa (evidente) do desaparecimento do santo de madeira e da gravura. Procurei ainda encontrar uma solução capaz de preservar esses artistas populares e incentiva-los a continuar e transmitir o gosto pelo artesanato de materias nobres como a madeira e o barro a outra geração.

A causa principal do desaparecimento da gravura popular, do santo de madeira, é a falta de procura e o baixo preço que atinge o produto confeccionado. No caso particular da gravura os tipografos pagam mal ao gravador que procurou aplicar sua habilidade em outros trabalhos manuais. Cito como exemplo o caso particular de Mestre Noza, um dos mais interessantes gravadores e que atualmente faz cabos de revolver ~~xxx~~ em madeira, pois é mais bem pago e tem trabalho constante. Um par de cabos de revolver, custa o mesmo preço de uma gravura, isto é Cr\$250,00. Tendo-se em conta a simplicidade de fabricação de um par de cabos de revolver que pode ainda ser fabricado em serie, a disparidade de preço é mais evidente. Consegui fazer com que alguns gravadores aceitassem algumas encomendas, a título de experiencia. Estou pagando um preço bastante mais alto por cada clichê : Cr\$500,00, preço que considero ainda muito baixo. Penso que poderíamos fixar-nos a Cr\$1.000,00 por cada gravura e mais que o Museu edite albums de cada um desses gravadores vendendo-os aqui e nos outros centros. Esses albums poderiam ser editados por baixo preço. Parte do lucro seria pago aos respectivos artistas como direito de autor. É mais que o Museu conseguisse interessar os outros Museus do País a adquirir, encomendar gravuras aos gravadores populares. É a meu ver o único caminho a seguir se se quizer preservar essa importante manifestação de arte, que só por milagre ainda sobrevive.

Quanto ao santeiro, ele dificilmente poderá sobreviver, pois a concorrência do santo de gesso é muito forte. Há porem um trabalho de preservação a ser feito e o caminho a seguir é mais ou menos o mesmo da gravura.

Fiz uma pequena encomenda a título pessoal e de caracter experimental.. Comuniquei o meu trabalho tanto ao Fran como ao Livio por carta recente. Pedia um crédito de Cr\$50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros) para algumas encomendas. Pensavo encomendar ao Mestre Noza uma serie de gravuras sobre a "vida e morte do X Capitão Virgulino Ferreira, Lampeão" em dez gravuras e mais um certo número de gravuras sobre a vida do Padre Cícero. Sómente a ai poderíamos ter dois albums. A outro gravador, Walderedo, encomendaria um "Apocalipse", os Doze Apóstolos. Faría a outros gravadores já fora de atividade outras encomendas menores.

.../

Minha presença aqui seria a ser aproveitada, pois além de ser da terra e conhecer pessoalmente quase todas essas pessoas, sou eu mesmo muito interessado no assunto. Assim peço que seja confirmado ou negado com urgência por telegrama o crédito que solicito.

Seguem as fichas que estabeleci dos artistas populares que entrevistei.

Tenho acompanhado na medida do possível a marcha da greve. Só tenho que parabenizá-lo pela maneira prudente e sabia com que tem dirigido os trabalhos da Universidade nessa fase difícil de sua história.

Recomendações a D. Maria e demais pessoas de família.

Um abraço amigo do

instituto de arte contemporânea